

# Dançando Bem: Pensamentos sobre a dança – para professores

Laura Shannon

As danças com as quais trabalhamos nos Círculos Sagrados podem ser instrumentos para encontrar a cura, a integração, o crescimento, a comunidade, a celebração, a felicidade, a afirmação, e muito mais. Para mim as danças são como entidades vivas, que querem ajudar-nos ativamente a experimentar estas qualidades, raras na vida moderna,

Como professores, somos os guardiões protetores destas entidades da dança, e enquanto elas estiverem ao nosso encargo (ou nós ao delas) é nossa responsabilidade tratá-las com cuidadosa ternura. Dedicar-lhes o devido respeito, significa, para mim, ter cuidado com a forma e com os detalhes das danças, do modo como elas nos Têm sido confiadas.

Aqui está um paradoxo, porque as formas da dança estão mudando continuamente e vão continuar evoluindo à medida que são transmitidas e difundidas ao redor do mundo. Em muitas tradições de danças folclóricas, dançar bem depende da improvisação, da interpretação e da expressão pessoal. Nosso desafio é respeitar a forma de cada dança, como também a forma de expressões individuais.

As danças estão destinadas, em última instância, a serem dançadas sempre da mesma forma, porém há razões importantes para que os detalhes e o estilo da cada dança sejam considerados com cuidado e atenção. Estas características não são detalhes supérfluos, incorporam a entidade de cada dança e, ainda, permitem que a dança seja diferente em cada ocasião que é dançada – isto é muito parecido com o fato de que cada tulipa é única, ainda que pertencendo a uma espécie reconhecida como tal.

Creio que as danças antigas trazem algo que nós, hoje e neste momento, necessitamos saber. Esta mensagem está codificada na estrutura (passos, a forma de tomar as mãos, tempo, formação em círculo ou espiral), e no estilo (se os passos são longos ou curtos, fortes ou suaves, rápidos ou lentos; quando os movimentos se iniciam no corpo, quando os “chakras” são ativadas, assim como todo outro detalhe de presença e postura). Tudo isto tem um significado simbólico.

Aprendendo a estrutura e o estilo, logo aprenderemos como escutar o que temos aprendido, podendo decifrar este código e perceber a mensagem. Quando conseguimos isto, podemos dançar com a nossa própria compreensão e interpretação e ainda que isto possa parecer como se estivéssemos trocando a forma, nada de essencial se perdeu. A mensagem está codificada na dança e quem aprende a dançar conosco, pode descobri-lo por si mesmo.

Agradeço constantemente pela oportunidade de decifrar estas mensagens ocultas nas danças. Ainda assim, olho para o futuro e pergunto-me: se cada professor transmitir as danças sem manter as características específicas de estilo e forma, quanto tempo passaria antes que aqueles que quiserem decifrar o código não puderem encontrar mais as pistas?

“Receber a mensagem” ou “decifrar o código” não é o mesmo que pensar ou falar sobre a dança ou fazer uma interpretação racional dos movimentos – isso, como levantar os braços e olhar para cima sempre com respeito ao sol, ao céu, ao espírito, por exemplo. A forma que contém a mensagem não pode ser aprendida somente com notas escritas, nem pode ser compreendida simplesmente falando sobre ela. A mensagem somente pode ser transmitida através da vivência, da respiração, da experiência física da dança em si mesma.

A beleza da diversidade humana e da criatividade é que cada um de nós sempre dançará e ensinará de uma forma individual, e recomendo que cada um de vocês dance com a maior quantidade possível de professores, de modo que possam apreciar este milagre. Porém, não importa o quanto os nossos professores sejam bons, nunca nos ensinaram tudo que existe. Para obter realmente o que a dança tem a oferecer, devemos fazer o nosso próprio esforço, cultivar a nossa percepção interna, e deixar que a dança nos conduza novamente ao que já sabemos. Por isso é importante aprender a dançar bem. Quanto mais aprendemos a perceber o corpo, mais as danças, por si mesmas, nos mostrarão de que maneira podem ser mais bem dançadas e compartilhadas.

Mesmo que nós, como professores, conheçamos intimamente nossas danças, não é muito prudente começar a falar a todos sobre os nossos descobrimentos. O desafio é deixar que cada dançarino encontre a sua relação pessoal com as danças, enquanto nós nos mantemos presentes como testemunhos do ocorrido, sem impor nossas próprias conclusões. Estando conscientes do potencial de certos aspectos de uma determinada dança, o mais provável é que as pessoas às quais nós as ensinamos vão conectar-se com esse aspecto em nossa presença, porém não podemos fazer o trabalho por elas.

Esta forma de percepção é um conhecimento gnóstico, a relação sagrada entre o dançarino e a dança não pode ter intermediário. O paradoxo é que necessitamos de professores para adquirir os instrumentos básicos: todos nós precisamos de ajuda no caminho do auto conhecimento através do movimento, especialmente quando estamos procurando conexão com algo maior que nós mesmos, seja a comunidade, a história ou a divindade.

Como podemos aprender? Como deciframos o código? Como descobriremos o fogo dentro de cada dança, o que iluminará a razão de ser o que é, revelando a mensagem oculta dentro de cada passo? Como pode cada um de nós penetrar sozinho, no conhecimento da experiência direta?...

Dançando, dançando, dançando, dançando, dançando!

(c) Laura Shannon 1996

*Tradução: Maria Alexandrina Pires*